

## OS SONHOS: MATÉRIA SOCIOLÓGICA

*(Des)Figurações – a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole.* São Paulo, Hucitec/Departamento de Pós-Graduação em Sociologia - FFLCH/USP, 1996, org. de José de Souza Martins.

por Stélio A. Marras\*

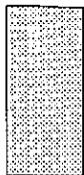
*“Mesmo que não queira, na vida cotidiana (o sujeito) é exatamente aquilo de que foge quando sonha. É esse desencontro que define o que é o sonho na sociedade moderna” (p. 38)*

Percebe-se claramente a densidade de um texto quando o leitor se vê forçado a diminuir o ritmo da leitura se não quiser perder em compreensão. Fruto de um esforço interpretativo incomum, e em comum, o livro *(Des) Figurações – a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole*, uma co-edição da Hucitec e do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, oferece ao leitor que dispuser da concentração que a leitura merece uma oportunidade de servir-se de um instrumental sociológico vigoroso, seminal e instigante para pensar o universo dos sonhos. A Hucitec é editora de grande parte dos livros do autor e professor José de Souza Martins; o Departamento conta com a sensibilidade e dis-

posição da professora Maria Arminda do Nascimento Arruda; o consórcio fez surgir o livro.

Os autores, além do próprio Martins, que também organiza o livro, são alunos do curso Sociologia da Vida Cotidiana, oferecido à graduação pelo professor. São eles: Fraya Frehse, Larissa Barbosa da Costa, Maria Cecília Turati e Valéria Macedo, que assinam o capítulo 2; e Ana Célia Martins Nogueira, Maria de Fátima Pinho, Milene Modesto, Priscila Matta, Rosana Fernandes e Roberto Goulart Menezes, responsáveis pelo capítulo 3. Com reputação internacional e dono de uma bibliografia nem um pouco tímida – são mais de cinquenta publicações, catorze das quais em livro – Martins põe-se ao lado dos alunos no estímulo e atenção à produção de autores em formação. Em Martins, os alunos reconhecem uma figura ligada à melhor tradição do *mestre* da qual

\* Aluno de graduação em Ciências Sociais pela FFLCH-USP.



ele próprio, não por acaso, é oriundo e revela-se tributário. Pois à memória de Florestan Fernandes e Roger Bastide, “que nos legaram a lucidez do sonho”, é dedicado aquele trabalho.

A lucidez do sonho advém da luz propriamente sociológica lançada sobre o material onírico coletado pelos alunos do curso. Na primeira parte do livro, Martins, de seu punho – “A peleja da vida cotidiana em nosso imaginário onírico” – lembra que já Florestan anunciara a pertinência da estratégia de acessar os sonhos para falar originalmente do mundo da vigília: “Porque o indivíduo se utiliza nessas circunstâncias, de representações coletivas, a interpretação do sonho aparece como um fenômeno social, estando mais em função da cultura do grupo, que do próprio indivíduo” (apud p.18). O certo é que como domínio clássico da psicanálise, os sonhos, ressalta o autor, ficaram presos a interpretações que lhes subsumiam o caráter e conteúdo social. São poucos os autores que de fato empreenderam esforço objetivo para olhar de outra lógica que não a da detecção de “enfermidades” e “anomalias”, e assim reduzindo brutalmente a riqueza desse material. Nesse trabalho, não seria preciso dizer, a interpretação dos sonhos é eminentemente sociológica.

Fecundos e originais, esses estudos revelam um poder interpretativo que nos impregna de convencimento e nos faz cúmplices. Pois somos nós, o nosso imaginário onírico que é estranhado, e por via original. Da razão da vigília aos sonhos, e daí de volta à vigília que racionaliza, ao final, esta resultará irracional. Do acervo coletado, a interpretação dos autores orientados por Martins registra claramente o aspecto libertário que os

sonhos encerram para o *homem comum* do cotidiano. O sonho desfigura, ou não; pois ele pode ainda melhor *configurar* as coisas da vigília, e então seria esta a que *desfigura-se* em estranhos que oprimem e aterrorizam, assinalando-se aí o caráter denunciador do sonho: “por meio dele, a alienação aparece como mal-estar, o mal-estar da vida cotidiana e do mundo moderno. O sonho carrega consigo a possibilidade de ser a mediação reveladora na relação com a vida cotidiana” (p.42).

Imerso na madrugada, livre da ordenação cotidiana mas clamando realização, o “homem genérico” – nos termos de Karl Marx, via adotada pelas autoras do capítulo 2 – tenta dizer ao “homem particular”, e que é ele mesmo, a mesma pessoa – embora partida, a quão amesquinhada tem-se reduzido sua vida, e o quão distante está de si mesmo, a ponto de se estranhar e temer-se tanto que não se reconhece no estranho que sob figuração freqüentemente monstruosa ou irreconhecível o ameaça. Mas essa ameaça, a grande ameaça, é o anúncio do reencontro do ser consigo mesmo, o que, no limite, informa outra concepção de sistema social, outra sociabilidade que nega radicalmente essa da vida cotidiana. Para o sonhador, esse movimento dialético não se realiza, ele não *elabora* (nos termos da psicanálise, se quiser) sobre os significados dos próprios sonhos senão, quando muito, reproduzindo mistificações ou aplicando-se-lhes noções correntes e vagas de psicanálise ou ainda simplesmente ignorando-os como fantasias ou loucuras próximas da insanidade e sem merecimento de reflexão. Ora, o trabalho propõe inversão dessa equação. “A loucura da



noite e do sonho denuncia a insanidade do dia e da vigília”(p.16). O sonho não é banalidade, não é anomalia e nem diz respeito tão somente a medos ou carências restritos ao indivíduo; os medos e as carências são, antes, sociais. A violência com que abrupto o sonhador desperta gelado no meio da madrugada, olhar estatelado e sudorese, denuncia a opressão silenciosa e mediada por disfarces na vida da vigília.

Nestes termos, o sonho apareceria como mediação para o sonhador; por meio do sonho lhe seria possível interpretar o desconforto do cotidiano personificado no *estranho* (figura absolutamente recorrente na coleta da pesquisa). Estranho resulta ele mesmo de si mesmo; dilacerada, no entanto, também o é sua capacidade de compreensão. “O Homem alienado presente na vida cotidiana, ao mesmo tempo que privado do genérico, traz em si a potencialidade de reconhecê-lo, de apropriar-se das mediações ... No entanto, o sonho como mediação, mesmo que represente e anuncie, só faz com que o fim apareça como meio, o meio como fim; ... o conflito aparece apenas como uma divagação absurda totalmente alheia à realidade empírica e importante para o sonhador (pp.81-82). Da mesma forma, aos sonhadores o sentido do sonho inverte: “a constante falta de sentido da vida é atribuída ao sonho ... Na vida cotidiana de nossa sociedade os sonhos têm – na consciência do sonhador – pouco a revelar” (p.115).

Essa perspectiva libertária que alinha Marx, Lefebvre, Florestan e ainda Foucault, Adorno, Benjamin e Fromm, não impede Martins e co-autores de se aproximarem de singularidades que esse material revela no que respeita ao imaginário

onírico do brasileiro da metrópole. Temas de investigação da cultura recorrentes nos livros de Martins reaparecem. Assim, identificam-se nos sonhos coletados o mundo da tradição, do familiarístico, do comunitário e do afetivo, que emergem como crítica e contraponto ao todo oposto vivenciado na vigília do mundo racionalizado da cidade. Da mesma forma, o par de opostos *casarua* e a interpretação da figura do *estranho* recebem tratamento que respeita o contexto histórico-cultural em que foram produzidos. A articulação entre a primeira perspectiva, mais contemplativa do geral, e a análise do singular se verifica por todo o trabalho. É assim que se configura, num exemplo, a oposição entre vida cotidiana (societária) e vida privada da casa (comunitária).

Por fim, se é verdade que o livro carrega eventualmente alguns vícios do linguajar acadêmico, é bom esclarecer que isto não ameaça sequer a leitura prazerosa. José de Souza Martins é já conhecido pela combinação rara de estilo e densidade nos seus textos; ele tampouco renegaria o registro sociológico de onde fala. Pois é em nome e em respeito à tradição sociológica e à academia que seus escritos voltam reverência. E é como membro da melhor linhagem de que faz parte Florestan Fernandes que o autor empresta luz aos companheiros do livro que, por sua vez, entusiasmam na estréia. Entusiasmarão o leitor. ■